

## ENTREVISTA

Arquitectura 21 a Ricardo Bak Gordon

Sob o tema dos estilos e dos “ismos” que actualmente influenciam a prática da arquitectura, quer nacional quer internacional, a “Arquitectura 21” conversou com o arq. Ricardo Bak Gordon sobre o estado actual da arquitectura e dos “ismos” que regulam o seu próprio traço.

**ARQUITECTURA21** Consegues identificar algum “ismo” na tua arquitectura?

**Ricardo Bak Gordon** As classificações dos “ismos” normalmente vêm de quem faz crítica ou estudos teóricos sobre o trabalho dos práticos. Enquanto autor procuro defender-me de categorização do meu trabalho e, ao contrário do que seria espectável, não tenho nenhum tipo de identificação com algum “ismo”, e combato essa categorização da arquitectura.

Não digo que não consiga reconhecer os “ismos” que existem no tempo e no espaço – falando do modernismo e no pós-modernismo - no entanto, acho que é perigoso para os autores serem levados por essa questão. Os críticos da arquitectura devem existir para a condução das ideias, no entanto, a crítica, muitas vezes confunde-se apenas com o dar a conhecer algo, esquecendo a parte de ser mais afirmativa dizendo o que gostam e o que não, e também o porquê dessa opinião.

Penso que há lugar para os estudiosos dos “ismos”, mas enquanto autor procuro estar afastado dessa questão. O meu “ismo” é o meu conhecimento, a minha sensibilidade, as minhas preocupações e a minha experiência para a resposta a um caso concreto, com o são todos os projectos.

Custa-me imaginar alguém que comece um novo projecto a pensar que só o faz de uma determinada forma porque segue determinada corrente. Eu próprio, perante um determinado trabalho, vou à procura das questões para os problemas através das referências que estão dentro da minha maneira de ser e que conduzem os projectos, mesmo sem ter uma grande consciência disso. Percebi no primeiro livro que publiquei, “Bak Gordon”, de 2004, depois de ter visto o trabalho como um todo, que os projectos tinham ligações. Mas definitivamente, não me identifico com os limites dos “ismos”.

**A21** Essa falta de “ismos”, ou por outras palavras, a existência dos anti-ismos não serão eles próprios os “ismos” do nosso tempo?

**RBG** É capaz de ser. Há um tema na ordem do dia que é saber o que é valido na arquitectura. Alguém faz uma casa de pernas para o ar, quem é que valida esse projecto como arquitectura? Talvez esteja aí a forma com há uma proliferação de modelos arquitectónicos, pela falta da validação do que se faz actualmente. Aliás, para mim não quero um “ismo” ou dois, se calhar até quero mais. Mas como já referi quando estou a trabalhar o que me importa são os valores de arquitectura no dia-a-dia, que são a luz, a proporção, a escala, a tensão matérica, etc. Muitas vezes perguntam-me se não tenho alguma angústia de construir com os novos materiais, a maioria deles muito caros, que se usam na Suíça ou nos novos Mundos. Respondo que não. Não tenho

angústia nenhuma porque a arquitectura ainda tem muito a investigar com os materiais que têm sido trabalhados nos últimos 500 anos. Estou muito agarrado a uma série de valores, como por exemplo, a intimidade do espaço, que é um tema muito importante para mim. É algo que é difícil de explicar como se consegue ou como se lá chega, e descobrir quando é que o ambiente traz conforto.

**A21** E então que influências externas tem na sua arquitectura?

**RBG** Todas as influências do arquitecto são externas. O nosso trabalho é muito o resultado das reflexões que vamos fazendo continuamente. Se se visita vários lugares do mundo, se se vê cinema, ou se lê literatura, a vida no dia-a-dia ou mesmo a vida íntima, são mais importantes que as influências da arquitectura. Claro que se estudas muito um arquitecto ou uma forma de fazer arquitectura isso conta muito para o trabalho desenvolvido. Não sei dizer se na chamada angústia da folha em branco o que pesa mais é o conhecimento sistemático da arquitectura ou a vida e aquilo em que acreditamos.

**A21** Nas várias casa que projectaste para o Algarve, em lugares diferentes, para programas diferentes, encontraste soluções que são comuns, o que significa que pelo menos para o programa de habitação, sintetizaste a maneira de habitar em Portugal como tendo a ver com a matéria branca, mais despida de ornamentação, em formas simples, com massa, etc. Isso é de alguma forma a tua síntese pessoal ou aquilo que julgas que as pessoas necessitam? Imagina que o teu cliente era japonês. Desenharias os mesmos projectos para os mesmos lugares?

**RBG** Todos os projectos têm cliente, umas vezes é um cliente objectivo e utilizador, outras vezes é um cliente subjectivo pois se fizeres um edifício de apartamentos nem se sabe quem é. Em relação às casas do Algarve, são de facto brancas por fora e existe, de facto, uma tensão matérica entre o cheio e o vazio. Contudo essas casas são muito diferentes umas das outras. Umas têm uma estratégia mais territorial, outras são mais íntimas. Há ainda outra que é uma casa mais introspectiva, etc. São em alvenaria, com rebocos, com vidro, com tijolo, pois não tenho nenhuma angústia ou tendência de usar novos materiais. Isto não é uma postura radical ou conservadora, tenho conseguido cumprir todos os objectivos de investigação tectónica com os materiais que já estão no mercado. Mas por exemplo no projecto que fiz para a Escola D. Dinis m Lisboa, o projecto é uma curva única em que a matéria exterior é uma chapa branca ondulada, com vãos subtraídos à chapa, mas por fora não deixa de ser uma casa, mas colectiva.

**A21** Voltando um pouco atrás e voltando à questão dos “ismos”, o arquitecto se assumisse um papel de mero observador da disciplina, como classifica o actual momento da arquitectura, quer a nível nacional, quer a nível internacional?

**RBG** O que se passa a nível nacional e o que se passa no mundo são coisas muito diferentes. Os investimentos e a investigação da arquitectura actuais estão nos mercados emergentes - na China, na Índia, nos Emiratos Árabes Unidos. Os arquitectos de referência da actualidade - Herzog, Foster e Koolhaas,...- têm encomendas que nenhum arquitecto português de oportunidade de ter. Nem mesmo o Álvaro Siza que tem obras poéticas espalhadas pelo mundo, conhece essas novas escalas. Pois, quando se salta de escala brutalmente, como se tem feito naqueles territórios, existem desafios e temas que nós em Portugal desconhecemos. No entanto, julgo que os arquitectos portugueses, num somatório, têm melhorado. Há uma quantidade de arquitectos de várias gerações que fazem um bom trabalho. Julgo que há um problema que tem a ver com os “ismos”, mas que é inevitável. Tenho um certo prurido em relação à construção, que dura mais que o arquitecto, pois deve haver uma lógica e cada programa deve respeitar o lugar. A catedral, o hospital, a escola, o quiosque, devem respeitar uma certa hierarquia do lugar urbano, se cada arquitecto fizer um quiosque como se fosse uma catedral é capaz de haver uma explosão de “ismos” à qual não sobrevivemos. Assim deve haver um certo cuidado em relação ao contexto do lugar. Na China, concerteza, com os metros cúbicos de construção que se constroem tudo é permitido. O Rem Koolhaas constrói numa escala tão grande que é de um “ismo” que ainda nem se sabe muito bem qual, mas passa a ser geo-referenciável, trazendo uma nova centralidade à arquitectura. Mas respondendo à questão acho que sim, que há melhor arquitectura em Portugal do que já houve, agora se há uma arquitectura portuguesa, isso é outro tema...

**A21** ...e há ou não?

**RBG** É possível encontrar elementos comuns à maioria do trabalho da arquitectura portuguesa, embora tenhamos hoje uma grande tendência a quebrar isso através dos jovens arquitectos. Mas mais uma vez há que sublinhar que Portugal é um país com uma capacidade financeira bastante limitada para a investigação em arquitectura, é muito triste ver arquitecturas tão ousadas que a construção não acompanha. Por isso sublinho que é importante todos termos a consciência que os projectos são para ser feito no lugar X com os recursos Y. Não vale a pena andarmos a brincar à Zaha Hadid. Se a própria já tem dificuldade em construir o que projecta, nós cá em Portugal muito mais.

**A21** Aquilo que se faz nesses mercados emergentes (China e Emiratos Árabes) pouco influência aquilo que se pode fazer em Portugal?

**RBG** Na minha opinião o que influencia aquilo que fazemos em Portugal tem mais a ver com a escala do que se faz em Inglaterra, na Alemanha ou mesmo no Brasil, ou na América Latina, como em países como o Chile que tem uma arquitectura muito interessante. Pelo menos para já, esses programas não passam pela escala do nosso território.

**A21** É algo fechado ao poder económico desses países emergentes?

**RBG** É, mas também tem a ver com a forma. Por exemplo a maior implementação urbana em Portugal nos últimos tempos foi a Expo' 98. No entanto, se pensarmos se de facto a arquitectura foi re-equacionada, se os modelos que surgiram foram marcantes, digo que não. Em Lisboa basta ir ao bairro dos Olivais para ver um lugar urbano cheio de temas, de reflexão e de rotura com o tempo. A Expo não trouxe uma grande reflexão à arquitectura nacional.

**A21** Tendo em conta a tua condição de professor de arquitectura, calculo que os teus alunos tenham um imaginário de arquitectura muito fundado nas expressões mais exuberantes da Zaha Hadid, por exemplo. Como achas que esses futuros arquitectos, que pertencem a uma geração diferente, vêem essas limitações de construção que existem em Portugal?

**RBG** Enquanto professor não limito nenhum tipo de modelo, apenas dirijo processos de investigação, conduzindo o pensamento dos alunos. Se um deles quiser seguir o caminho da Zaha Hadid tem duas hipóteses, ou o faz de forma intensa, densa, inteligente e maturada e passo a passo, e tento apoiar no que for possível, ou pelo contrário, se não há substrato no processo mental do projecto, e se o aluno está apenas fascinado com a imagem, é muito fácil indicar porque esse não é o caminho certo. O projecto é um processo de selecção natural das ideias que surgem. Com os alunos preocupa-me mais a investigação do que a linguagem utilizada. Por exemplo, a questão das arquitecturas efémeras - os cenários de teatro, as lojas são, esses sim, territórios muito bons para a experimentação. Esta questão dos "ismos" tem um problema, há arquitectos que ao fim de dois anos não se identificam com aquilo que fizeram anteriormente, pois deixam de gostar do que fizeram e de se identificar com o edificado

**A21** Tens uma experiência interessante, com o pavilhão de Portugal da Expo 2008 de Saragoça em que experimentas uma linguagem singular. É claramente uma dessas experimentações de arquitectura efémera?

**RBG** Nesses projectos senti mais liberdade para uma determinada experimentação, a questão das expos são muito particulares, é sempre algo festivo, sensorial, intenso. Acho que há lugar para toda a experimentação se se tiver seriedade e densidade. Mas atenção que as lojas feitas pelo Herzog ou pelo Koolhaas são muito bem feitas e têm muitas preocupações, para além de terem a possibilidade de utilizar novos materiais.

**A21** Esta falta de referências de "ismos", para estudantes de arquitectura não lhes poderá causar alguma confusão, já que são bombardeados com imagens, onde a arquitectura surge quase com um objecto de design?

**RBG** Esse é o perigo de todo o ensino que alimenta essa especulação. Deve ser ensinada uma arquitectura em que o lugar importa, mas há quem tente aniquilar a importância do lugar, no entanto ainda não há globalização que o

faça. A resposta ao programa e a investigação do projecto é muito importante. Uma das coisas mais ricas do trabalho do arquitecto é aprender e estudar uma série de temas conforme as encomendas. Por exemplo, num projecto de um hospital, se arquitecto não faz ideia como funciona e constrói um hospital antes de começar a trabalhá-lo, vai estudar o tema e acaba por chegar a uma solução. Ao fim de uma vida, um arquitecto fez uma série de estudos dos mais diferentes programas.

**A21** Mudando de assunto e focando agora a relação entre o arquitecto e o cliente, tens na tua carreira vários projectos, como o da Embaixada Portuguesa em Brasília, o Plano do Centro Histórico de Sintra e o Novo Pólo da Universidade de Évora, que foram projectos muito importantes na tua carreira mas que nunca foram concluídos. Como é que essas três circunstâncias condicionaram o teu percurso como arquitecto?

**RBG** Quando se inicia um projecto para o desenvolver tem de existir uma investigação, e não se fica o mesmo arquitecto depois de iniciar a investigação de um projecto. Nomeadamente no projecto do Brasil, tive que viajar, conhecer a arquitectura brasileira como nunca a tinha estudado, estudar materiais, o clima, etc. No entanto, se são projectos muito interessantes e que enriquecem bastante a experiência do arquitecto tornam-se uma angústia por não serem construídos. E em qualquer destes trabalhos e já com alguma distância temporal continuo a defendê-los como na altura.

**A21** O realismo com que falas da relação entre o arquitecto, o promotor e a produção poderá decorrer do massacre de que foste alvo nesses três grandes projectos, que não se realizaram, e para os quais, apesar do esforço e do empenho que tiveste, não houve dinheiro para os concluir?

**BGA** Não houve dinheiro nem vontade política. As obras públicas são muito vulneráveis a isso, falando do “ismo”, pode-se falar dos “ismos” dos “encomendadores” da arquitectura. Anteriormente o nível económico e cultural de quem fazia as encomendas era mais elevado e mais próximo de quem projecta. Actualmente sou arquitecto residente do Paulo Mendes da Rocha para o novo museu dos Coches, em Lisboa, que foi um projecto muito estudado na sua envolvência com a cidade e com um espaço público bastante generoso, mas que no entanto tem sido alvo de grandes críticas. Há hoje, de facto, uma certa tendência para ocultar uma arquitectura com qualidade a favor das arquitecturas que não são postas em causa e que vão desmontando a história das cidades.

**A21** A arquitectura está a ser mal descodificada pelos não arquitectos?

**RBG** Sim está. Este problema tem também muito a ver com os decisores, pois estes têm de compreender a arquitectura para a defender, o que na maioria não acontece. Também acredito que os arquitectos, no geral, têm alguma incapacidade de explicar a sua arquitectura. Mas esse tema é importante, pois os arquitectos têm de fazer o esforço de comunicar bem perante os

interlocutores. Quando se faz um festival de arquitectura deve pensar-se se deverá ser apenas para arquitectos ou também deverá chamar outros interlocutores, como, por exemplo, os críticos de arquitectura.

**A21** Deve passar por uma actividade de cariz público no panorama político-social em Portugal?

**RBG** Julgo que pode passar por isso. Um bom exemplo disso são os debates que têm existido na Ordem dos Arquitectos sobre vários assuntos que estão na ordem do dia e que dizem respeito aos arquitectos e urbanistas. É muito positivo trazer o debate para o público em geral e para os jornais. E nós, arquitectos, devemos ter o cuidado de não permitir debates na praça pública só porque o projecto é feio ou bonito. Há que abrir o debate nos locais certos e nos momentos certos fazendo um esforço de comunicação.

**A21** Tendo o arquitecto uma ligação muito próxima com alunos e futuros arquitectos, tem ideia de como será a arquitectura portuguesa daqui a 30 anos? Será muito diferente daquilo que se faz actualmente?

**RBG** Não sei se será muito diferente, gostaria de pensar que será melhor. Temos outros problemas actuais, temos trinta escolas de arquitectura, formando mais de mil arquitectos por ano. É necessário saber o que fazer com esses arquitectos. Em Itália sabe-se que fazem outras actividades, como inclusivamente guiar táxis, o que é muito frustrante! Portanto, deve-se pensar como criar condições no mercado de trabalho. Não serão todos arquitectos autores e os ateliês têm tendência para se fundirem. O atelier pequeno vai ser cada vez menos chamado para certo tipo de encomendas, pois estas estão cada vez mais a requerer grande responsabilidade e com solicitações que obrigam a maiores estruturas. Contudo, espero que a arquitectura seja melhor, espero que se reabilite os centros históricos das cidades portuguesas, pois estão abandonadas. Há muito trabalho a fazer nesse aspecto.

Publicado originalmente na revista *Arquitectura 21*, nº 1, Fevereiro de 2009